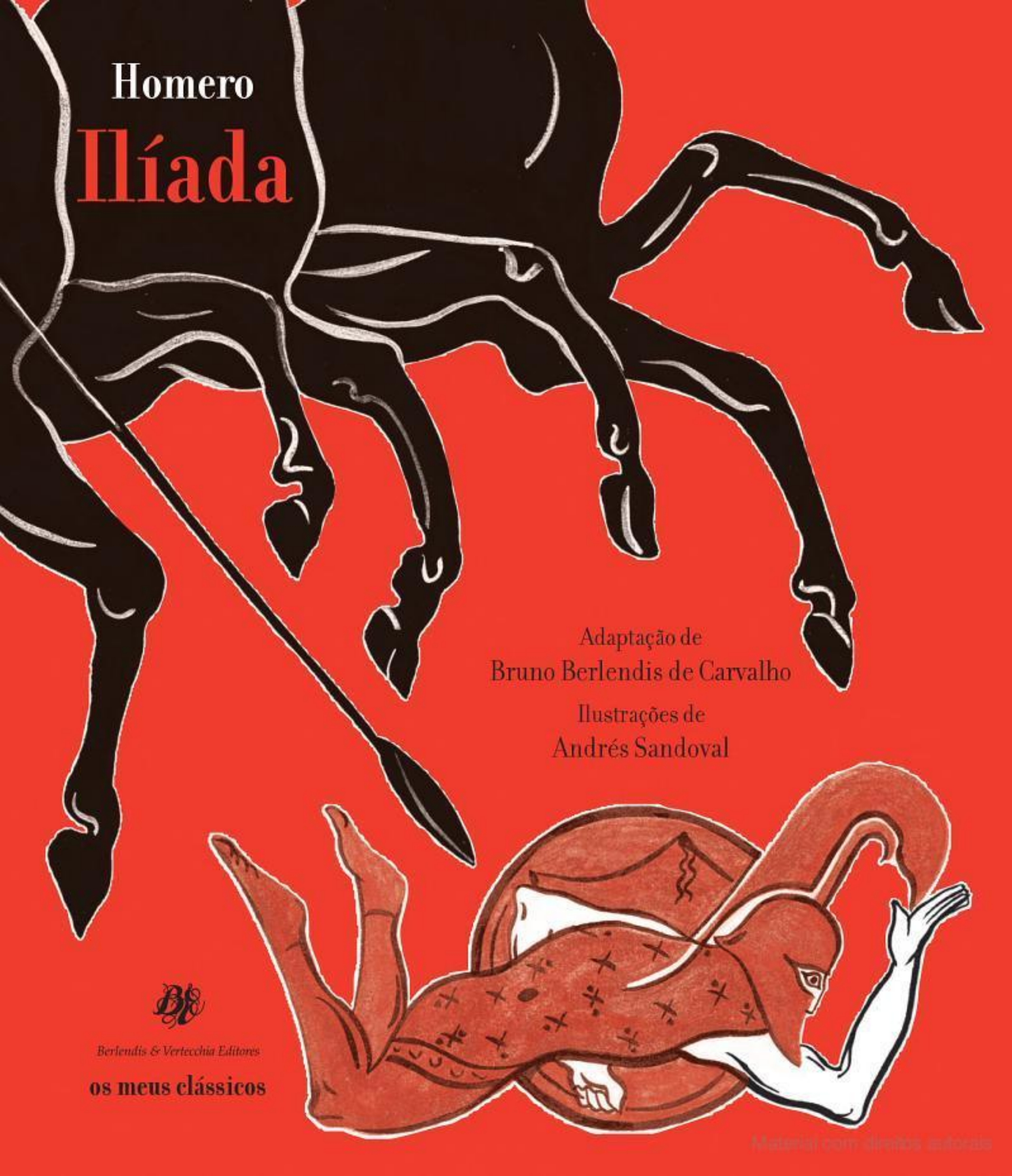




# Homero Ilíada

Adaptação de  
Bruno Berlendis de Carvalho

Ilustrações de  
Andrés Sandoval



*Berlendis & Vertecchia Editores*

**os meus clássicos**



*Materia com direitos autorais*

Direitos reservados mundialmente a  
Berlendis Editores Ltda.  
Rua Moacir Piza, 63 - 01421-030 São Paulo, SP  
Tel: (11) 3085.9583  
editora@berlendis.com  
Autor: Bruno Berlendis de Carvalho  
Revisão: Eugênio Vinci de Moraes  
Ilustração: Andrés Sandoval  
Projeto gráfico: Andrés Sandoval e Paulo César Tenório

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Carvalho, Bruno Berlendis de  
    Iliada de Homero / adaptação Bruno Berlendis  
de Carvalho ; ilustrações Andrés Sandoval. --  
São Paulo : Berlendis & Verrecchia, 2007.

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Mitologia grega  
(Literatura infanto-juvenil) I. Homero. II. Sandoval, Andrés.  
III. Título.

07 - 0820

CDD-028.5

- 
- Apêndices para catálogo sistemático:
1. Iliada : Mitologia grega : Literatura infantil 028.5
  2. Iliada : Mitologia grega : Literatura infanto-juvenil 028.5

2ª edição 2008  
© berlendis editores ltda.

# Índice

|     |                   |                                           |
|-----|-------------------|-------------------------------------------|
| 9   | <u>Prólogo:</u>   | <u>Antes de a história começar</u>        |
| 25  | Canto I           | A ira de Aquiles                          |
| 30  | Canto II          | Apresentação dos exércitos                |
| 35  | <u>Canto III</u>  | <u>O duelo entre Páris e Menelau</u>      |
| 39  | <u>Canto IV</u>   | <u>A trégua é rompida</u>                 |
| 43  | <u>Canto V</u>    | <u>Diomedes enfrenta os deuses</u>        |
| 49  | <u>Canto VI</u>   | <u>Heitor e Andrômaca</u>                 |
| 54  | <u>Canto VII</u>  | <u>O combate de Heitor e Ájax</u>         |
| 57  | <u>Canto VIII</u> | <u>Os Troianos chegam ao muro</u>         |
| 60  | <u>Canto IX</u>   | <u>Os Gregos suplicam ajuda a Aquiles</u> |
| 64  | <u>Canto X</u>    | <u>Missão noturna</u>                     |
| 71  | <u>Canto XI</u>   | <u>Agamênon combate os Troianos</u>       |
| 77  | Canto XII         | Os Troianos avançam                       |
| 79  | Canto XIII        | A batalha junto às naus                   |
| 83  | Canto XIV         | Zeus é enganado                           |
| 88  | Canto XV          | Gregos em apuros                          |
| 94  | Canto XVI         | Pátroclo combate                          |
| 99  | Canto XVII        | A luta pelo corpo de Pátroclo             |
| 102 | Canto XVIII       | Uma nova armadura para Aquiles            |
| 106 | Canto XIX         | A reconciliação                           |
| 110 | Canto XX          | Os deuses interferem                      |
| 114 | Canto XXI         | Aquiles combate o rio                     |
| 118 | Canto XXII        | O duelo de Aquiles e Heitor               |
| 124 | Canto XXIII       | Os Jogos em homenagem a Pátroclo          |
| 132 | Canto XXIV        | Príamo e Aquiles                          |
| 138 | Epílogo:          | Depois que o livro acaba...               |





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

## Prólogo:

### Antes de a história começar

A história que vamos contar neste livro começa há muito, muito tempo... Numa era em que a própria História estava começando: ou seja, um certo tempo depois de a escrita ter aparecido. Pois é, segundo dizem os historiadores, a Pré-História é todo o período que vai do surgimento do Homem até a invenção da escrita, e a História, ou o que a História estuda, é o que vem depois dela. Quanta história pra contar!

A escrita é, de fato, uma coisa muito importante: ela não só nos permitiu fixar no tempo os nomes, os acontecimentos, as lendas, mas também proporcionou aos povos que começaram a usá-la um desenvolvimento nunca antes visto. O Homem passou a *pensar* de maneira diferente, depois da escrita.

Você conhece os Gregos? Eles criaram uma cultura que está na origem da nossa própria civilização. Além do nosso alfabeto, devemos muitas coisas do nosso mundo de hoje aos Gregos antigos: a Filosofia, a própria História, a democracia, a literatura, as ciências, muitas das línguas modernas.

Aliás, a própria palavra “alfabeto” é, na realidade, grega. Nada mais é que a união do nome das duas primeiras letras gregas: “alfa” e “beta”.

αβ AB

Há muitíssimas palavras em português que vêm do grego antigo. Por exemplo:

|            |                                                                                                         |
|------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| prólogo    | (“pró” = “o que vem antes”, ou “o que está diante de alguma coisa” + “lógos” = palavra, relato, razão); |
| filosofia  | (que quer dizer “amigo da sabedoria”: “filós” = amigo + “sofía” = sabedoria);                           |
| democracia | (“dêmos” = povo + “kratía” = poder).                                                                    |



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

### Ájax Telamônio

É o homem mais alto do exército inteiro. Rei de Salamis.

### Pátroclo

O fiel amigo de Aquiles.

### Calcas

O adivinho dos Gregos.

## Troianos

### Príamo

Rei de Troia. É um descendente de Zeus.

### Hécuba

Esposa de Príamo e rainha de Troia.

### Heitor

Filho mais velho de Príamo, é o comandante dos Troianos na guerra.

### Páris

Filho de Príamo, é quem causou a guerra, ao raptar Helena, a esposa do rei grego Menelau.

### Andrômaca

Mulher de Heitor.

### Eneias

Filho da deusa Afrodite e do nobre Anquises. É o segundo comandante dos Troianos.

### Crises

Sacerdote de Apolo. Sua filha foi raptada pelo comandante dos Gregos, Agamênon.







You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Então as três, acompanhadas pelo Deus-Guia, Hermes, foram até o monte Ida, nas redondezas de Troia, onde Páris se encontrava pastoreando tranquilamente algumas ovelhas. Explicado o caso, cada uma das deusas ofereceu a ele um presente.

Hera lhe disse que faria dele um grande imperador; Atena disse que o transformaria no melhor de todos os guerreiros; mas Afrodite, que entendia das coisas do coração, foi mais esperta. Prometeu-lhe a mais bela mulher do mundo.

Adivinhem só quem Páris escolheu como a deusa mais bonita? Acertaram. Foi a deusa do amor, Afrodite (que ficou com a maçã de ouro).

Só que tinha um probleminha: a mulher mais bonita do mundo, Helena, já era casada com o rei de Esparta, Menelau.

Se bem que para Afrodite, que era deusa do amor, a coisa era fácil: com seu poder, deixou Helena apaixonadíssima pelo príncipe troiano. E quando Páris foi visitar Menelau, surruiu-lhe um grande tesouro e sua mulher. Depois, fugiu carregando tudo.

Menelau viajou com o amigo Odisseu até Troia, para pedir a Páris que devolvesse sua esposa e seu tesouro. Mas o troiano não só não devolveu nada, como ainda tentou matá-los! Os dois Gregos conseguiram escapar e voltaram para casa.

Então aconteceu algo muito interessante. Você sabia que a Grécia, naquele tempo, não era um país, um reino só? Na verdade, lá existiam muitos reinos diferentes, uns maiores e outros menores. E olha que eles brigavam muito entre si.

Mas quando Helena foi raptada, os reis acabaram se unindo contra os Troianos. Como líder, escolheram Agamênon, irmão de Menelau e rei de Micenas.

Naquele tempo, Micenas era a cidade mais importante da Grécia. Tanto que os estudiosos chamam este período da história grega de época da “cultura micênica”. Nada mais natural, portanto, que o comandante dos Gregos fosse o rei de Micenas.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

# Ilíada



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

conquistada com minhas próprias forças! Vou voltar agora mesmo para minha terra.”

“Fique à vontade para partir. Isso é típico dos covardes. Tenho aqui outros homens, muito mais valorosos que você”, respondeu-lhe o rei.

Aquiles já estava para puxar sua grande espada e se jogar sobre o rei, quando a deusa Atena, descendo num voo veloz do céu, chegou-se a ele. Ninguém a via, a não ser Aquiles. A deusa então lhe disse: “Eu vim do céu para que você não faça uma besteira. Guarde sua espada e faça como manda Agamênon. Chegará o dia em que todos os Gregos vão implorar aos seus pés para que você os salve da desgraça”.

Aquiles não se acalmou completamente, mas concordou com a deusa. Em seguida, levantou-se e se dirigiu ao rei: “Seu beerrão sem valor! Na hora da luta, onde está você? No campo de batalha? Não, você fica aqui, protegido, maquinando como se apoderar dos nossos prêmios! Que seja. Aviso, porém, o seguinte: estou me retirando da luta. Virá o dia em que todos os Gregos implorarão para que eu e os meus soldados voltemos à guerra, e você inclusive, rei cheio de vergonha”.

Aquiles tinha sido ferido em sua honra, em sua dignidade. Para um nobre grego, a honra era uma das coisas mais importantes da vida: afinal, era isso que fazia dele um Grego legítimo.

O velho e sábio Nestor ainda tentou uma reconciliação, mas foi tudo em vão. Aquiles foi embora para junto de seus navios. A assembleia foi desfeita.

Depois, o rei Agamênon mandou dois de seus homens à tenda de Aquiles para que apanhassem a jovem serva. Aquiles não se opôs e, com dignidade, entregou-lhes a moça.

Assim que ficou sozinho, porém, foi à praia, chorando e berrando de ódio. Sua mãe, a ninfa Tétis, que mora numa gruta no fundo do mar, ouviu seu pranto e logo veio ver o que estava acontecendo. Ela apareceu do mar cinza e veio sentar-se ao lado de Aquiles.

“Ó meu filho querido, por que toda essa dor? Escutei seus gritos lá do fundo do mar!”



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

aumentar seu tesouro, como fez quando roubou a moça de Aquiles". Então Odisseu lhe bate com seu bastão, calando-o. Os outros soldados riem, dizendo: "Odisseu já cumpriu muitas façanhas, mas calar a boca desse covarde foi a melhor coisa que já fez!".

Odisseu pede silêncio e continua. "Vocês não lembram que o profeta Calcas previu que só tomaríamos a cidade no décimo ano de guerra? Nove anos já se passaram! Zeus mandou o sonho a Agamênon como um sinal de nossa vitória. Nós ficaremos aqui até Troia cair!"

Nisso o exército inteiro rompe num grito, aplaudindo o discurso do divino Odisseu.

É um exército gigantesco. Povos de todos os reinos da Grécia se uniram para combater os Troianos.

Para dizer os nomes dos combatentes, não bastariam dez bocas, dez línguas: uma tarefa impossível para os mortais. Então me ajudem, ó Musas filhas de Zeus, a contar os povos e quais os lugares de onde zarparam as naus.

Vieram os Boécios.

Vieram de Asplédon, Orcômeno e Míncias.

Vieram os habitantes da Fócia.

Os Lócrios,

os Abantes da Eubeia,

os guerreiros de Atenas

e Salamina.

Diomedes lidera os homens de Argos,

os Aqueus de Maseta e Egira.

Sob comando de Agamênon

de Micenas vieram,

de Corinto e Cleona,

de Hélice, Pele, Aretina.

Seu irmão Menelau

manda nos Lacedemônios,

nos homens de Esparta, de Helos e Augias.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

## Canto III

### O duelo entre Páris e Menelau

Os dois exércitos estão frente a frente, prontos para a luta. Os Troianos dão assustadores gritos de guerra, como pássaros terríveis; já os Gregos estão em silêncio.

À frente dos Troianos está o príncipe Páris. Com voz forte, ele desafia um herói grego para combater com ele em duelo. Menelau, que passava por ali com sua carruagem, pensou: “Ora, se não é Páris, que roubou minha mulher, desafiando um grego para um duelo! Esta é a chance de me vingar!”. Ele desce do carro e se prepara para o combate.

Então o coração de Páris, que era forte como o de um deus, treme de medo. Ele tenta se esconder no meio da turba, fugindo ao combate. Mas seu irmão Heitor lhe dá uma bronca: “Ó Páris, seu mulherengo, impostor! Os Gregos estão rindo de você, pois achavam que, além de belo, você fosse bom de guerra. Mas não! Você desafia qualquer grego para o combate, mas quando aparece Menelau, você foge como um rato. Se você é tão covarde, como é que conseguiu atravessar o mar e lhe roubar a mulher?”.

Páris reconhece seu erro. “Sim, Heitor, você está coberto de razão. Não vou fugir à luta. Aliás, vou aproveitar a ocasião para decidir a guerra nesta disputa: lutarei com Menelau, e quem vencer, ganha também a bela Helena e o seu tesouro. Assim a guerra terminará.”

Heitor pede a seus homens que fiquem parados e se faz à frente do exército. Todos param e esperam, quietos, pelas palavras de Heitor:

“Homens! Gregos e Troianos! Falo em nome de meu irmão. Ele lutará com Menelau: quem vencer, terá direito à bela Helena e a seu tesouro! Façamos um pacto sagrado de paz para assistirmos a esse duelo!”



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

## Canto IV

### A trégua é rompida

Do alto do Olimpo, os deuses observaram o duelo e seu fim inesperado. Hera está uma fera: não se conforma com a interferência de Afrodite. Ela se queixa com Zeus, o Pai dos Homens e dos Deuses.

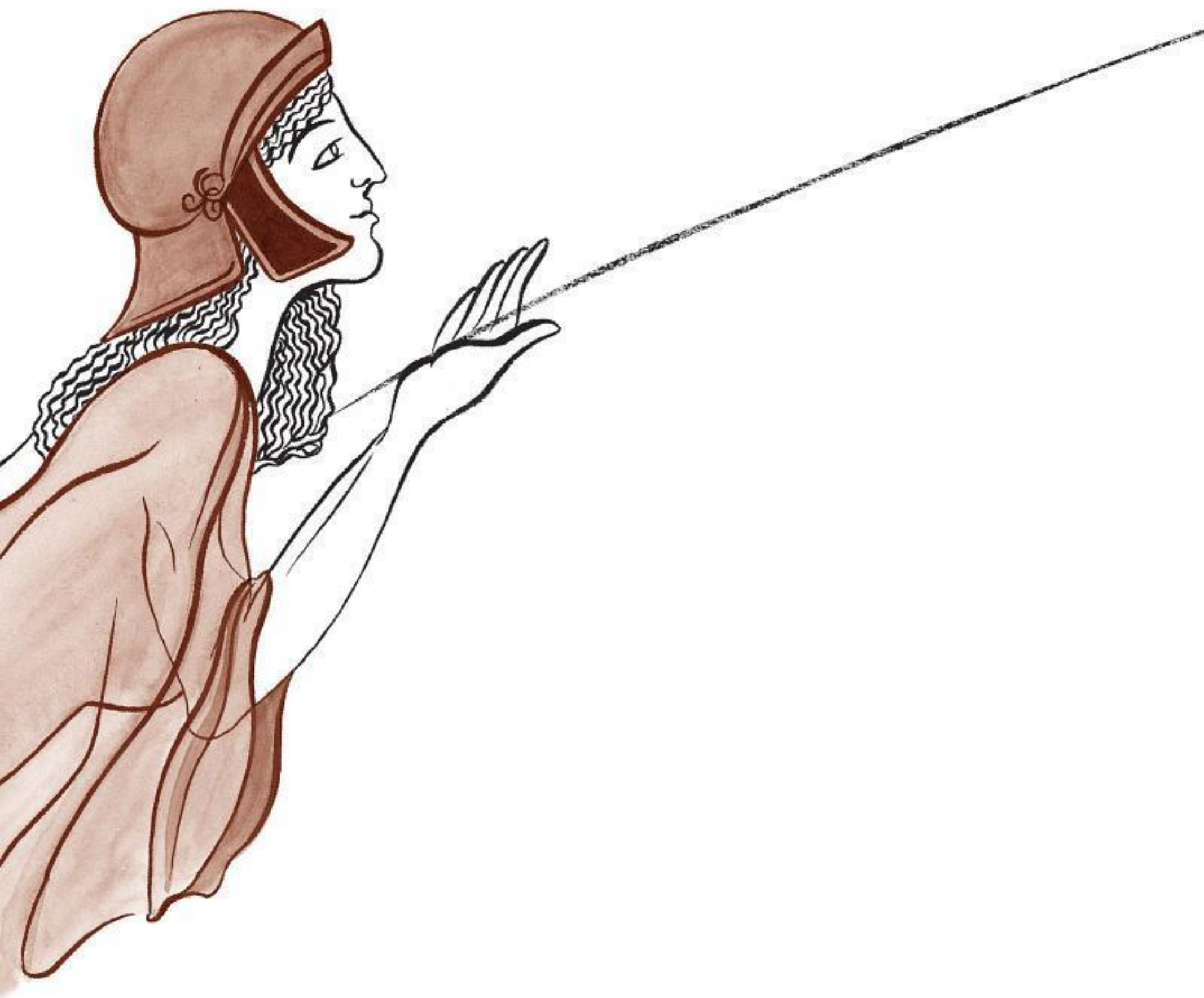
Zeus lhe responde: “Ó deusa dos grandes Olhos de Boi! O que é que os Troianos fizeram de errado? Eles nunca deixaram faltar oferendas em meu altar”.

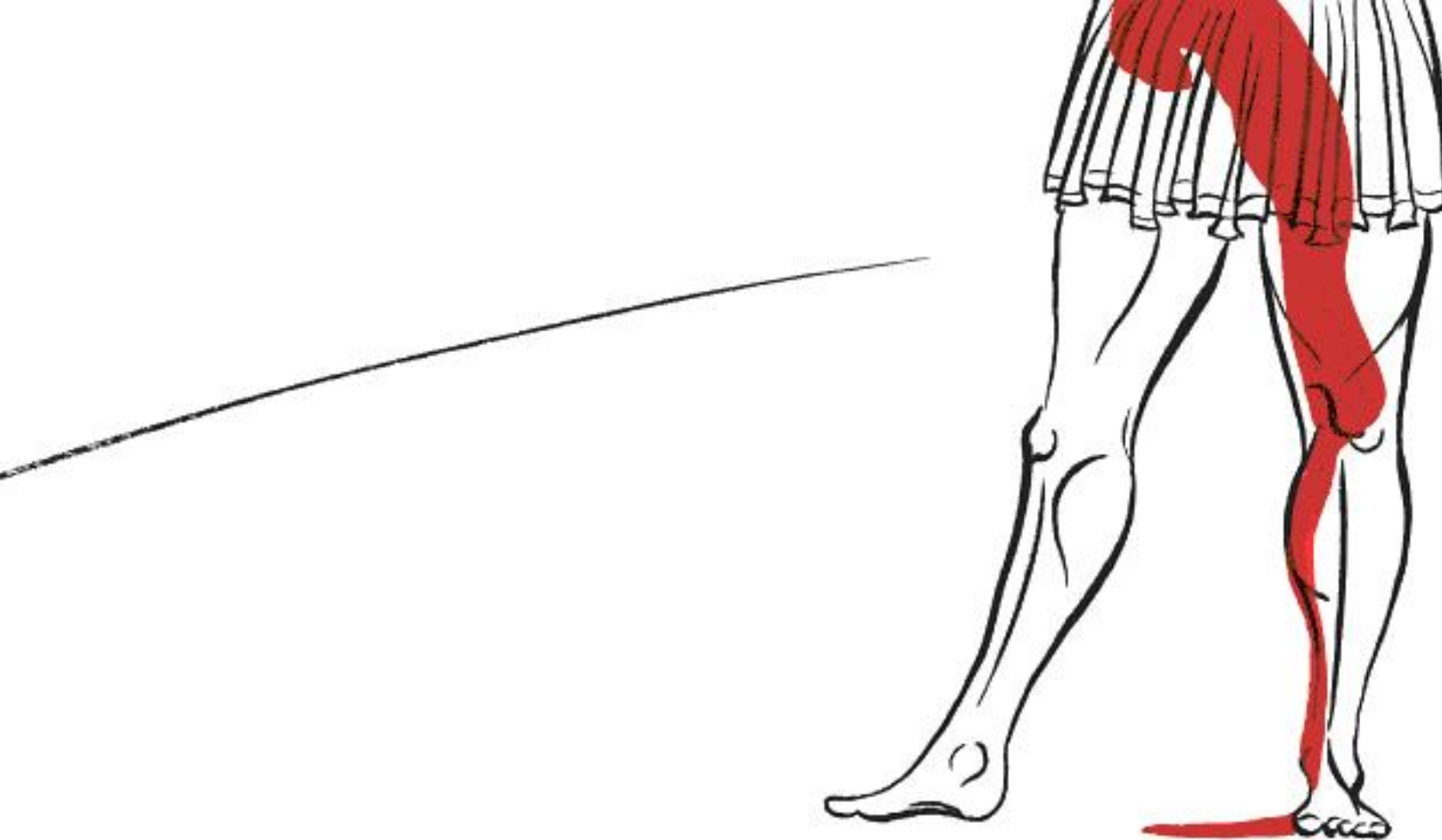
“Zeus!”, responde-lhe a esposa, “Não deixe essa injustiça do jeito que está. Troia deve cair! Faça com que os Troianos quebrem a trégua sagrada, traindo o pacto de paz!”

Então Zeus, atendendo ao pedido da esposa, manda Atena aticar um dos guerreiros troianos, o arqueiro Pândaro.

Atena voa sobre o campo de batalha,  
fulgurante como uma estrela cadente.  
Entre Gregos e Troianos o terror se espalha  
todos se perguntam, até o mais valente:  
“Será um sinal divino  
que veio até nós, na Terra?  
As artimanhas do Destino  
não deixarão terminar a guerra?”.

Enquanto isso, porém, Atena toma forma humana, se esgueira entre os soldados troianos, até chegar ao arqueiro Pândaro. Diz-lhe: “Aproveite o momento! Todos estão distraídos, assustados com o sinal dos deuses: solte sua flecha certa sobre Menelau, já!”.





Pândaro arma seu arco. Seus soldados lhe fazem de escudo para que os Gregos não o vejam a tempo de impedi-lo. Sai a flecha do arco, voando ligeira!

Mas Atena não se esqueceu de Menelau. Ela voa, ainda mais rápida que a flecha; intercepta-a, impedindo que atinja seu alvo. Deixa somente que a seta fure a couraça de Menelau, para provocar nele uma ferida superficial. O sangue escuro jorra: todos podem ver que os Gregos foram traídos! Os Troianos quebraram o pacto de paz!

Os valentes Gregos gelam ao ver que Menelau foi ferido; mas respiram aliviados ao perceber que ele não corre riscos. Agamênon, então, grita furioso: “Traição! Os Troianos quebraram o juramento! A cólera dos deuses se abaterá sobre eles. Não é sem castigo que se profanam as promessas sagradas. E eles pagarão caro!”. Em seguida, manda chamar um médico para socorrer seu irmão.



Agora, eis o grande rei Agamênon incitando seus heróis à batalha: convoca-os um a um, pois conhece o valor de seus homens! Pede aos soldados para segurar os cavalos: o exército deve permanecer alinhado. O rei demonstra ser um grande líder.

Começa o ataque. Os Troianos parecem ovelhas assustadas: correm pra todo lado! Muitos guerreiros caem mortos, atravessados pelas lanças vingadoras de seus inimigos.

Os Gregos avançam, acuando seus adversários. Mas Apolo acorre para incentivar os Troianos: “Seus inimigos não são de pedra, são feitos de carne, que o bronze das espadas perfura! Avante!”. E os encoraja a enfrentar a dura batalha.

De ambos os lados, muitos valentes heróis perdem a vida.

## Canto V

### Diomedes enfrenta os deuses

Então Palas Atena inspira o jovem rei grego Diomedes com audácia e decisão, para que ele se sobressaia na luta. Inflama seu escudo e seu elmo com uma chama fulgurante, que parece o astro mais brilhante do céu.

Ele parte para o combate, formidável. Ninguém consegue resistir a seu ataque. Embrenha-se de tal modo na luta, que não dá para dizer de que lado está. Ele parece uma enchente devastando as barragens. A linha dos Gregos, atrás dele, pressiona a dos Troianos, que recuam.

Porém Pândaro, excelente arqueiro, consegue desferir uma terrível flechada, que atinge Diomedes no ombro direito. Sua armadura se banha de sangue. O herói grego cai no chão dobrando os joelhos. Pede ao seu companheiro que o socorra: “Ajude-me! Arranque esta flecha do meu ombro, para que eu possa voltar ao combate!”. O amigo faz como ele mandou.

Depois, Diomedes pede a Atena que o ajude novamente. Atena atende ao seu pedido e lhe dá novas forças. Diz-lhe a deusa dos Olhos Azuis: “Diomedes, volte para o combate, não tenha pena dos Troianos! Mas, se encontrar um deus no meio da batalha, não ataque. A não ser que seja a bela Afrodite: se você a vir, deixe que ela prove o gosto amargo do seu bronze!”.

Diomedes investe novamente contra as forças troianas. Se antes já era terrível, agora está três vezes mais valente. Parece um leão, que, depois de ferido, se torna ainda mais raivoso e ataca quem o feriu.

Eneias, vendo o irresistível avanço da armada grega, trama contra Diomedes, mesmo sem saber quem ele é. Chama o arqueiro Pândaro: “É preciso frear aquele homem!”. “Sim, Eneias, vamos combatê-lo! Aquele

é o formidável Diomedes, mas parece mais um deus atacando! Já o atingi uma vez, mas ele resistiu à ferida. Talvez seja realmente um deus que tomou forma humana.” Os dois sobem numa biga, o próprio Eneias conduz os cavalos.

Ao avistá-los vindo em sua direção, o cocheiro de Diomedes lhe roga: “Senhor, dois dos mais bravos guerreiros de Troia estão vindo contra nós! Vamos nos proteger atrás do carro”. Diomedes o reprova com o olhar e com as palavras: “Quem falou em fugir? Isso é para os covardes. Estou mais forte que nunca, agora. Vamos enfrentá-los”.

Pândaro arremessa sua lança, que atravessa o escudo de Diomedes. Acredita tê-lo ferido mortalmente, mas eis que este levanta a voz: “Você errou! Agora é a minha vez!”.

Assim dizendo, atira a sua lança com uma força descomunal. A lança atravessa o rosto do arqueiro Pândaro, que morre na mesma hora. Diomedes arranca uma pedra do chão, tão pesada que somente alguém com forças divinas poderia fazê-lo, e a joga sobre Eneias: seus olhos se fecham e ele cai desmaiado no chão. O incomparável capitão grego está para alcançá-lo e mandá-lo definitivamente para o outro mundo, quando a mãe de Eneias, a deusa Afrodite, acorre para salvar-lhe vida. Ela o envolve em seus









braços brancos, protegendo-o. Enquanto leva o filho para fora de combate, porém, é flagrada pelos Gregos, que correm atrás dela.

Diomedes arremessa sua lança e atinge Afrodite no punho. A deusa, ferida, solta um grito horrível de dor e deixa o filho cair de seus braços; mas Apolo o ampara a tempo, escondendo-o numa nuvem de cor azul escura.

O bravo herói grego grita em triunfo: “Filha de Zeus! Vá embora desta batalha. Vá cuidar de seus mexericos e deixe a guerra para nós!”. Acuada, Afrodite pede ajuda a seu irmão Ares. O deus da guerra lhe empresta a sua carruagem para que ela suba de volta ao Olimpo.

Chegada à morada dos deuses, Afrodite se queixa com sua mãe, Dione, que a reconforta e cura sua ferida.

As deusas Atena e Hera, deleitadas, não perderam um só detalhe da cena. E vão correndo contar a Zeus o ocorrido, zombando de Afrodite. “Ela teve o que bem merece! Quem sabe assim, da próxima vez, ela pense melhor antes de incentivar um troiano a roubar a esposa dos outros!” Zeus, atizado pela malícia das duas, só dá um sorrisinho de lado. Mas chama a Dourada Afrodite: “Filha, você não foi feita para a guerra. Deixe isso para seu irmão, Ares. Você deve se ocupar dos casamentos e das dóceis paixões”.

Enquanto isso, na Terra, Diomedes continua no encalço de Eneias, mesmo sabendo que Apolo está protegendo o troiano. O grego ataca três vezes o deus, sem resultados; na quarta vez, Apolo solta um urro terrível: “Mortal, não queira se igualar aos deuses. Você só pode sair perdendo”. Então Diomedes recua.

Apolo pede ajuda a Ares, o Arrasa-Cidades: “Cuidado ao enfrentar Diomedes! Este homem é páreo até para Zeus!”. Depois se retira para o alto de uma montanha.

Ares se transforma numa figura humana e incita os Troianos à luta. Ele encoraja o príncipe Heitor. As tropas troianas, apoiadas pelo terrível deus, contra-atacam, avançando sobre os Gregos e matando vários de seus guerreiros.

Quando vê o estrago que seu filho Ares está fazendo, Hera decide entrar na luta. Chama Atena e lhe diz: “Vamos lutar. Mas somente com a autori-

zação do Pai dos Deuses poderemos agir sem empecilhos". Vai até Zeus e lhe pede: "Veja quantos valorosos guerreiros gregos Ares está matando! Como pode um deus massacrar tantos pobres humanos desse jeito? Peço permissão para interromper essa desgraça desigual e sem piedade!".

"Está bem, faça como quiser. Deixe que Atena entre na luta, pois só ela pode com Ares!", responde o poderoso Zeus, o Ajunta-Nuvens.

Diomedes, ao ver que Ares está combatendo ao lado dos Troianos, se detém. Mas então chega Atena dos Olhos Faiscantes, vinda dos céus. Desta vez ela o incentiva a atacar o Deus da Guerra em pessoa (ou seria: "em divindade"?).

A própria deusa toma as rédeas da carruagem e os dois avançam na direção de Ares. Diomedes, o herói sem igual, mais uma vez arremessa a sua lança, que, guiada por Atena, atinge o Deus da Guerra em cheio. Ares solta um berro de nove mil, não, de dez mil guerreiros! Os Gregos e os Troianos ficam imobilizados de terror. Numa nuvem negra de furacão, o deus volta ao Olimpo.

"Pai", queixa-se Ares, "olhe só o que esse Diomedes me fez! Você foi responsável por isso, ao deixar essa louca da Atena se misturar na batalha!"

Zeus, o Senhor do Trovão, olha-o muito bravo.

"Não venha choramingar para o meu lado. Primeiro você se queixa que eu não deixo você entrar na luta; depois reclama do resultado. Mesmo assim, vou mandar que uma deusa cure a sua ferida."

Assim, depois de curado, Ares toma um bom banho e senta-se ao lado do pai. Logo depois chegam Hera e Atena, contentes por terem conseguido aplacar a fúria do deus guerreiro.





## Canto VI

### Heitor e Andrômaca

No fragor da batalha, vendo os Gregos avançar impiedosos, Heleno, um dos muitos filhos de Príamo, se dirige aos líderes troianos Heitor e Eneias: “Precisamos fazer alguma coisa, caso contrário perderemos o controle das tropas. Eneias, acho que você deve ir para a linha de frente e incitar nossos soldados à luta. Já você, Heitor, deve correr à cidade e pedir para nossa mãe reunir um precioso tesouro a ser oferecido a Atena. Não vamos economizar! Que ela escolha somente do bom e do melhor. Pois, com sua raiva, a deusa dos Olhos Azuis pode nos destruir a qualquer momento. Peça a nossa mãe para depositar os presentes aos pés da estátua de Atena, para tentarmos aplacar sua cólera”. Ambos concordam com o sábio conselho de Heleno e correm cada um para um lado.

Heitor logo chega à cidade. Ele vai até o palácio de Príamo. Era um palácio magnífico, adornado, na frente, com colunas de mármore. Tinha cinquenta quartos de pedra polida para os filhos do rei. Ao lado, havia mais doze quartos, que eram os aposentos das filhas de Príamo.

Ao ver Heitor no palácio, a rainha Hécuba lhe diz: “Filho, o que você está fazendo aqui? Os Gregos já chegaram aos nossos muros? É melhor fazermos uma oferenda de vinho a Zeus e aos outros deuses. Tome uma taça você também, o doce vinho lhe fará bem”.

“Mãe, não me ofereça vinho, pois ele pode me entorpecer. Além disso, tenho medo de realizar uma oferenda a Zeus estando com as mãos impuras, sujas de terra. Em vez disso, corra até o templo de Atena e ofereça-lhe um precioso tesouro, a túnica mais bela que houver, mais doze novilhas a serem sacrificadas em seu nome. Peça-lhe que aplaque o massacre de Diomedes. Enquanto isso, eu vou procurar aquele poltrão do Páris!”

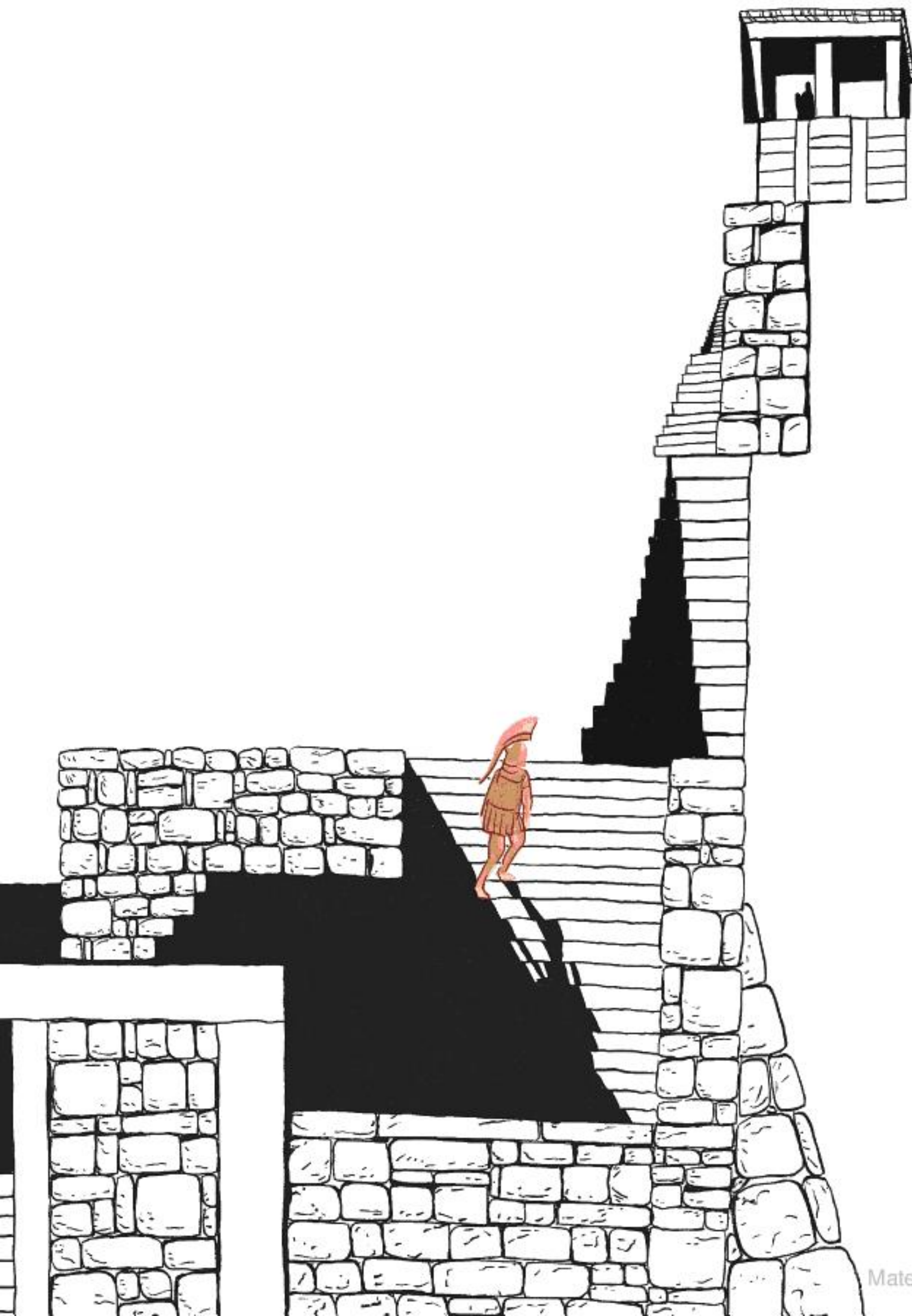
A rainha vai em busca daquilo que o filho lhe pedira. Reúne tudo, incluindo uma túnica tão preciosa, que brilha como uma estrela. Depois vai com as matronas da cidade oferecer os presentes à deusa, em seu templo.

Depositado o tesouro aos pés da estátua, rogam-lhe: "Atena, aceite estes presentes, quebre a lança de Diomedes!". Mas a deusa, impiedosa, acena com um irrevogável "Não!".

Enquanto isso, Heitor entra no quarto de seu irmão, Páris. Lá estava ele, tranquilamente polindo suas armas, experimentando seus arcos, enquanto sua linda mulher, Helena, dava ordens às servas. Heitor o repreende: "Vergonha da família! Enquanto nossos homens morrem por sua causa, você fica aqui no bem-bom, protegido e acompanhado pela sua bela mulher. Levante-se, homem, à luta!". Envergonhado, Páris responde: "Você tem razão! Voltemos ao combate. Deixe-me vestir minha armadura. Vá indo na frente".

Heitor vai procurar sua esposa e seu filho. Tem medo de que essa seja a última oportunidade de vê-los, pois poderá morrer na guerra. Vai até seus aposentos, mas lá não os encontra. Andrômaca, sua esposa, tinha subido até uma alta torre da cidade, para ver o que estava acontecendo no campo de batalha.

Ao saber que ela lá estava, Heitor vai ao seu encontro, sorrindo. A boa esposa, ao vê-lo, chora. Ela carrega o pequeno filho, Escamândrio, que o





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



O comandante dos Troianos devolveu o filho à sua mulher. Ela sorria, mesmo entre as lágrimas. Heitor ficou muito comovido com isso. Fez-lhe um carinho com a mão, dizendo-lhe: “Querida, não sofra à toa. Ninguém me mandará ao Hades antes do tempo devido. Mas a lei celestial determina um fim para cada homem, e ninguém pode escapar a ele. Minha hora chegará quando o Destino assim decidir. Volte para casa e cuide das suas tarefas. Deixe a guerra para nós, os homens”. Pôs o elmo de volta na cabeça e partiu.

No palácio, todas as mulheres, mesmo vendo-o ali, vivo, choram-no como morto.

Páris já estava armado, pronto para o combate. Os dois filhos do rei se encontram e descem à planície.

## Canto VII

### O combate de Heitor e Ájax

A chegada de Heitor e Páris é um verdadeiro alívio para as tropas troianas.

A deusa Atena está descendo do Olimpo, dirigindo-se ao campo de batalha. Mas Apolo a encontra, e lhe diz:

“Por que você está com tanta pressa em socorrer os Gregos? Por mais que eu ajude os Troianos, sei que um dia sua cidade cairá. Então vamos fazer algo para acabar com a luta, pelo menos pelo dia de hoje.”

“Ó Arqueiro-Rei, você tem razão. Muito sangue já foi derramado hoje”, responde-lhe Atena dos Olhos Faiscantes.

Apolo sugere que eles encham Heitor de coragem para desafiar um herói grego em duelo. Assim, com as tropas assistindo ao combate dos dois, a batalha cessará.

Heleno, um dos muitos irmãos de Heitor, percebeu a conversa dos deuses e foi correndo avisá-lo. O líder dos Troianos freou seu exército e pediu silêncio.

Dirigiu-se aos Gregos: “Em seu exército estão os melhores guerreiros da Grécia. Qual deles vai duelar comigo?”.

Os Gregos ficaram assustados com a bravura de Heitor. Não era tarefa para qualquer um. Ninguém se movia.

Menelau repreende a falta de coragem dos Gregos: “Aqueus! Mulheres da Grécia – sim, pois nem posso chamá-los de homens! Ninguém se apresenta? Nenhum de vocês vai se mostrar digno da luta? Se é assim, eu mesmo vou combater o possante Heitor!”. E começa a preparar a couraça e as armas. Teria sido o fim de Menelau, pois Heitor o ultrapassava muito em força e nas manhas da guerra. Mas o irmão

Agamênon o detém: “Está maluco? Se duelar com Heitor, é certo que ele vai matar você”.

O velho Nestor está furioso com a covardia dos Gregos. Decide então realizar um sorteio. Todos os heróis colocam seus nomes dentro do elmo de Agamênon. Só que o prêmio... seria enfrentar o terrível Heitor!

Nestor finalmente tira a sorte, e a escolha do destino recai sobre Ajax Telamônio. O maior de todos os Gregos logo se põe à frente: em sua aparência lembra o terrível Ares, o próprio Deus da Guerra. Heitor, secretamente, treme: não esperava um homem daqueles! Mas agora é tarde, já lançou o desafio. Terá de combater Ajax.

Os dois estão frente a frente. Heitor é o primeiro a atirar sua lança, que fura o cobre do escudo de Ajax e mais seis camadas de couro. A lança para na sétima e última camada de couro do escudo. Se passasse por esta também, seria o fim do grego. Agora é a vez dele: sua lança atravessa o escudo de Heitor, que se esquiva rapidamente, fugindo da morte. A lança rasga os flancos de sua túnica. Os dois, então, devolvem as armas com violência: a ponta da lança de Heitor se quebra ao bater contra o escudo de bronze do grego; a de Ajax fere Heitor, que mesmo assim continua o combate.

O príncipe troiano pega uma grande pedra e a joga, quase quebrando o escudo do adversário. O grego responde com uma pedra ainda maior, que derruba Heitor. Mas ele logo se recupera. Partem então para o duelo de espadas, furiosos.

Mas, dos dois lados, os homens pedem a eles que parem de lutar: o dia já terminara. É preciso guardar a noite. Assim manda a lei da natureza.

Os dois valentes guerreiros então trocam elogios e presentes. “Assim, todos poderão dizer de nós: ‘Combateram como bravos heróis. Mas se separaram como amigos’.”, diz Heitor. Ele oferece a Ajax sua magnífica espada revestida de prata. O herói grego lhe retribui com um lindo cinturão de púrpura brilhante.

Os comandantes gregos e troianos decidem fazer uma trégua no dia seguinte, para poderem recolher os mortos e prestar-lhes as devidas

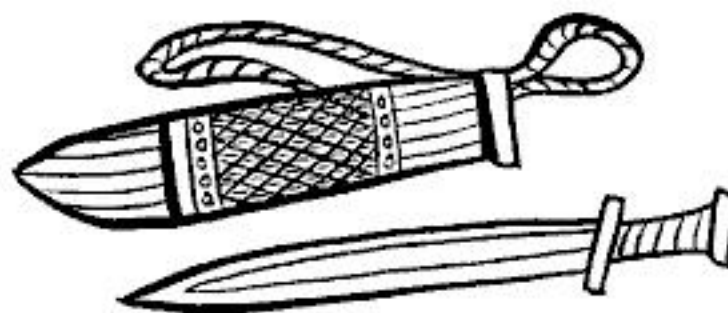
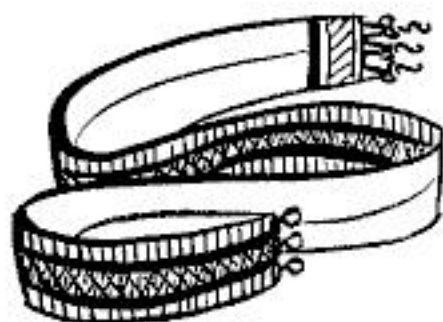
homenagens. Os dois exércitos se separam, cada um voltando ao seu acampamento. Eles fazem suas preces, jantam e, depois de um longo e terrível dia, finalmente descansam.

Surge a Aurora. Um novo dia começa. Dos dois lados, os mortos são recolhidos e cremados com grande pompa em suas piras.

Os Gregos aproveitam o dia de trégua para construir um gigantesco muro, protegendo seu acampamento e seus navios. Cavam também um profundo fosso em torno dele. Com a pressa, porém, esquecem de honrar os deuses com as devidas oferendas, que é preciso fazer antes de cada grande empreitada como essa.

Poseidon vê o muro e o fosso; fica bravo com os Gregos que se esqueceram dos deuses. Vai imediatamente queixar-se com Zeus.

Sobre a Terra, cai a noite.





## Canto VIII

### Os troianos chegam ao muro

Aurora abre seu manto cor de açafrão sobre o mundo. É uma nova manhã.

No Olimpo, estando os deuses reunidos, Zeus ordena: nenhum deus deverá interferir na batalha. E quando ele fala assim, é melhor obedecer. Afinal, ninguém gostaria de provar sua fúria!

Zeus veste seu manto dourado e sobe na sua carruagem também de ouro. Guia seus cavalos imortais até o monte Ida, nas proximidades de Troia, para acompanhar os acontecimentos do dia.

Durante toda a manhã, os dois exércitos se batem valorosamente. A luta continua, sangrenta.

Depois, Zeus pega sua balança. Põe, de um lado, a sorte dos Gregos; de outro, a dos Troianos. A balança pende para o lado dos Troianos: ou seja, a sorte os favorece.

Seguindo os desígnios do Destino, Zeus manda um de seus terríveis raios sobre as fileiras dos Gregos, que se dispersam, apavorados. O bravo Diomedes, porém, não se deixa intimidar. Chama Nestor para acompanhá-lo e segue avançando em direção ao inimigo.

Zeus, ao ver a intrepidez de Diomedes, resolve agir de novo, e lança bem na frente de sua carruagem um raio lampejante, terrível.

Nestor diz ao valente companheiro: “Diomedes, não vê que Zeus está contra nós? Não é prudente continuar. Vamos voltar”. Impressionado com a fúria do Pai dos Homens e dos Deuses, até Diomedes desiste da luta.

Todos os Gregos batem em retirada, refugiando-se em seu acampamento detrás do gigantesco muro.



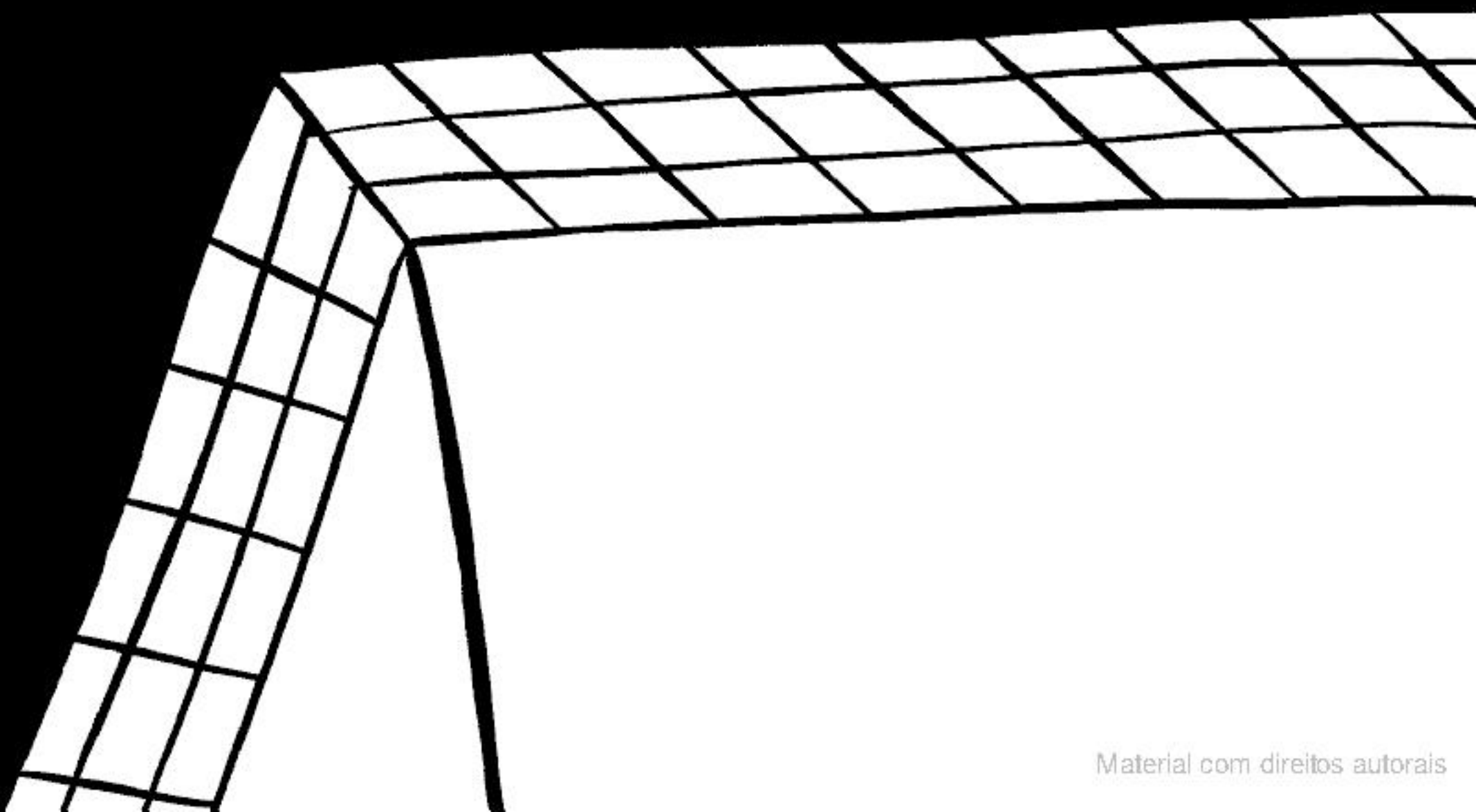


O comandante dos Troianos quer aproveitar o momento. Afinal, em nove anos de guerra, nunca houve uma ocasião tão proveitosa para a vitória. “Avancemos! Vamos destruir as naus gregas!”, grita às suas hordas.

Os Troianos avançam irresistivelmente. Mas quando chegam ao altíssimo muro, percebem que mais uma vez a noite caiu. “Não importa!”, profere Heitor. “Amanhã será o dia de nossa vitória! É tempo de parar a perseguição e descansar.”

Os Troianos armam um acampamento ali mesmo, perto do muro, em vez de voltar à cidade. Assim não perdem o terreno conquistado durante o dia de batalha.

Fazem mil grandes fogueiras, que parecem refletir o cintilar das estrelas do céu.



## Canto IX

### Os Gregos suplicam ajuda a Aquiles

Os Gregos estão assediados pelo Pânico e por seu irmão, o Pavor. Seus capitães estão desesperados. Por fim, Agamênon decide mandar chamar todos os chefes. “Mas não levantem a voz!”, recomenda.

Reunidos os comandantes gregos em assembleia, o rei de Micenas se levanta. As lágrimas escorrem em seu rosto como as águas de uma cachoeira. “Amigos!”, começa, “Senhores dos Aqueus! Zeus mandou-me um belo castigo. Acho que agora aprendi a lição. Vamos subir em nossos navios e voltar aos nossos lares.”

O exército grego recebe o discurso do rei em silêncio. Ninguém se atreve a falar. Enfim, Diomedes toma a palavra: “Meu rei, permita-me discordar. Você enlouqueceu? Zeus lhe deu os dons pela metade: você recebeu o comando sobre todos os Gregos, mas não a coragem necessária para liderá-los. Suba em seu barco, pode voltar para Micenas, ninguém o impede. Mas nós ficaremos aqui, até que Troia caia. Mesmo que todos fujam, eu lutarei sozinho”.

Nestor resolve intervir: “Diomedes, ninguém duvida de seu valor. Mas que atrevimento, dirigir-se assim ao seu comandante! Porém eu, como mais velho, me permito dar um conselho a Agamênon. Ó poderoso rei, você tem um verdadeiro estoque de vinho em seus aposentos. Não lhe faltam provisões. Ofereça um grande banquete a seus valentes soldados”.

Agamênon aceita o conselho e prepara uma grande ceia. Aplacadas a fome e a sede, Nestor retoma a palavra.

“Agamênon, devo dizer-lhe: se nos encontramos nesta enrascada, a culpa é toda sua. Foi a sua soberba que nos atraiu essa má-sorte, quando você roubou a bela jovem do divino Aquiles. Sem ele, não só jamais conquistaremos Troia, como estaremos perdidos.”

“Sim, Nestor, sua boca só diz a verdade. Eu estava cego, perdi a razão quando tratei Aquiles daquele jeito. Vou tentar remediar a situação, oferecendo-lhe um grandioso tesouro como recompensa: sete vasos para fazer oferendas, novinhos em folha; dez moedas de ouro; vinte tinhas de metal precioso; doze cavalos entre os mais valiosos; sete jovens e hábeis tecelãs, e entre elas a bela Briseida, que dele roubei. Quando destruímos Troia, ele poderá escolher as vinte jovens mais belas da cidade – sem contar Helena, é claro – para serem suas servas. E ao voltarmos à Grécia, lhe darei uma de minhas três lindas filhas como esposa: a que ele escolher, sem precisar me dar dote algum! E lhe darei ainda sete cidades de meu reino. Todo o povo lhe honrará e todas as riquezas dessas cidades serão suas.”

Nestor admira a generosidade de Agamênon. Rapidamente, manda uma embaixada a Aquiles, para anunciar-lhe a oferta e suplicar que ele volte ao combate. Os mensageiros não são ninguém menos que Fênix, Ájax e Odisseu, três valentes reis.

Chegando à sua tenda, eles o encontram tocando sua lira de prata e cantando versos sobre antigos heróis. Somente o amigo Pátroclo está com ele, escutando-o. Ao vê-los, Aquiles salta em pé e os saúda: “Salve! Vocês são os meus melhores amigos entre os Gregos. Mas o que os traz aqui? Entrem, por favor”. E ordena a Pátroclo que sirva a eles o melhor dos vinhos. O amigo serve o vinho e traz também uma bandeja com uma saborosa costela de ovelha, uma cabra bem gorda e um belo lombo de porco.

Aquiles enfia a carne nos espetos, cobre-a de sal e a assa sobre o fogo aceso por Pátroclo. Depois serve a carne junto com pão, não se esquecendo, porém, de primeiro honrar os deuses com as devidas oferendas.

Após o farto churrasco, Odisseu fala: “Ó nobre Aquiles! Como você sabe receber bem os convidados em sua tenda! Porém não estamos com cabeça para festanças, pois os Troianos já estão às portas de nosso acampamento! Não podemos fazer nada sem você. Agamênon, arrependido, pede perdão e oferece um precioso tesouro para você, além de devolver Briseida”. Odisseu, então, enumera os presentes da longa lista do comandante.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

